

A ANIMALIZAÇÃO DO HOMEM E A POSSÍVEL ESPERANÇA EM *THE ROAD*, DE CORMAC MCCARTHY

Francisco Romário Nunes¹

Orientador: Francisco Carlos Carvalho da Silva²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a animalização do homem e a possível esperança presentes no romance “*The Road* (2006)” do escritor norte-americano Cormac McCarthy. A narrativa descreve um lugar de paisagens desoladas, onde há violência e canibalismo. Os personagens principais, pai e filho, fazem uma jornada do norte para o sul, em direção ao litoral, e durante a jornada lutam para encontrar comida e escapar dos homens que já não mais parecem homens, mas animais. O autor compõe desta forma, a manifestação real da vida e da morte através da perda da noção de mundo civilizado, e consequentemente dos valores morais que regem a sociedade. Porém, pai e filho ainda representam a possível esperança de um mundo ainda benevolente e solidário. Diante do caos, o homem busca ensinar ao garoto os poucos valores que restam, revelando a esperança na humanização do mundo. Assim, faremos uma análise baseada em artigos da obra “*The Cormac McCarthy Journal, a publication of the Cormac McCarthy society* (2008)”, e conforme os aspectos mencionados acima, faremos uma leitura do romance associada a animalização e a esperança.

Palavras-chave: Caos. Animalização. Esperança.

ABSTRACT

This work aims to analyse *The Road, a novel* by the North-American writer Cormac McCarthy, which utilizes themes of animalization and hope attached to the characters. The narrative describes a place of desolated landscape where there is violence and cannibalism. The main characters, a father and son, journey through a post-apocalyptic land and fight to escape from cannibals, men who behave not like men but wild animals. McCarthy portrays the manifestation of life and death through the loss of a civilized world, and consequently the loss of virtues which make humans societies. McCarthy also suggests that both the father and son represent hope, goodness and solidarity in a post-apocalyptic world. The father teaches his son about these values. This analysis is based on studies of the work *The Cormac McCarthy Journal, a publication of the Cormac McCarthy society* (2008)¹. The interpretation will make a relation between animalization and hope.

Kew Words: Chaos. Animalization. Hope.

¹ Aluno de graduação em Letras/Inglês da Universidade Estadual do Ceará – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – UECE/FECLESC.
E-mail: rom.infor@gmail.com

² Professor mestre de literaturas de língua inglesa no Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará-UECE/FECLESC.
E-mail: carlos.oak@hotmail.com

Cormac McCarthy nasceu em 1933 em Providence, Rhode Island onde morou por pouco tempo. Aos quatro anos de idade sua família muda-se para Knoxville, Tennessee. Na nova cidade ele frequenta a Universidade do Tennessee, mas nunca completa sua carreira acadêmica. Contudo, seus anos de faculdade produziram suas primeiras publicações literárias. Trata-se de dois contos *Wake for the Susan* (1959) e *A Drowning Incident* (1960). Cormac McCarthy descreve o sul e oeste americano em suas obras através de símbolos e muitos temas. Seus personagens demonstram psicologia complexa, além de apontar para questões filosóficas e da condição humana, que revelam narrativas cheias de ansiedade, violência, mas ao mesmo tempo esperanças. McCarthy publicou dez romances entre os quais destacam-se: *All the Pretty Horses* (1992), *No Country for Old Men* (2005), *Blood Meridian* (1985), *Suttree* (1979), *The Orchard Keeper* (1965), e seu último romance *The Road* (2006) entre outros.

Ganhador do Pulitzer Prize como obra de ficção, *The Road* (2006), traduzido para o português como *A Estrada* (2007), compõe um imaginário de destruição, um mundo pos apocalíptico, desolado, sem esperança. O romance pode ser compreendido como a tentativa de um pai de proteger seu filho da morte e do canibalismo. Afinal, Cormac McCarthy descreve uma história de luta pela sobrevivência em um cenário de desespero onde os poucos humanos que restam estão em constante ameaça por outros humanos, agora canibais. Pai e filho caminham numa jornada do norte para o sul em direção ao litoral na esperança de encontrar um lugar onde a vida seja possível. Parece um sonho, pois não há perspectiva de renovação da espécie humana, com a perda da moral e dos valores éticos que regem a sociedade, a Terra não favorece condições de vida digna para os sobreviventes. A narrativa também se caracteriza por subverter a história dos Estados Unidos, pois ao invés de buscar o caminho para o norte, pai e filho fazem o caminho inverso, em direção ao sul. Trata-se de uma narrativa sobre a perda de rumo dos seres humanos em um mundo em desordem.

O futuro incerto assusta qualquer ser humano, mas o fato de haver esperança conforta e mantém o indivíduo no caminho para seus objetivos. O homem e o garoto acreditam em um mundo melhor apesar das condições enfrentadas, não somente pela falta de perspectiva, mas também pela sombra do passado, principalmente causado pela ausência da mãe, que diante do caos desiste de viver, pois não queria presenciar a morte do filho. O pai, contudo, permanece firme, e não desiste de lutar para manter a dignidade. Como em *O Velho e o Mar* (2006) de Hemingway, a luta por dignidade

também se faz presente no romance *The Road*. Santiago, personagem de Hemingway, ciente de seu declínio como pescador, trabalha para afirmar sua dignidade como grande “homem do mar”, e opera de forma heróica uma vitalidade que nem mesmo a saúde frágil nem os perigos do mar o impedem de alcançar como principal objetivo. Hemingway corrobora a ideia de que não importa as circunstâncias, o homem deve priorizar a moral e jamais desistir, pelo contrário, deve buscar a superação sempre. Pai e filho, assim como o velho Santiago, enfrentam grandes dificuldades, mas demonstram ser exemplos de perseverança e dignidade. A mãe é descrente em relação às virtudes que fazem a força do homem, e mais uma vez, McCarthy aponta para a ausência da figura materna, algo recorrente nas obras do autor, numa referência a desestabilidade da família. Afinal, a família deveria permanecer unida não importando as dificuldades enfrentadas, mas nesse caso, a mãe simplesmente se ausenta com medo de ver seu marido e filho serem mortos por canibais. Christopher J. Walsh em *In the Wake of the Sun: navigating the southern works of Cormac McCarthy* (2009) explica a ausência da mãe no romance:

Apesar da melhora em termos de relação pai e filho, a mãe (e tampouco a presença feminina) é novamente quase totalmente ausente do romance. Aprendemos que a mãe preferiu suicidar-se em vez de encarar o que ela via como uma jornada perigosa e inútil para o sul, acusando o pai de colocá-los em perigo em vez de proteger a criança (tradução nossa).³

As razões da mãe diante das circunstâncias presumem o que muitos pensam como a única certeza que seria a morte. Assim, o autor pincela um dilema enfrentado por muitos; permanecer lutando, adiando a morte ou desistir da vida frente à falta de perspectiva? A ausência da mãe é percebida na narrativa nas lembranças do pai: “Pensou na fotografia na estrada e achou que devia ter tentado mantê-la em suas vidas de algum modo mas não sabia como (A ESTRADA, 2007, p. 49)”. Ou ainda na frieza do ato dela: “Ela se foi e a frieza do gesto foi seu último presente (A ESTRADA, 2007, p. 52)”. O garoto percebe que a mãe fora embora, mas eles precisam continuar na jornada sem lamentações, porém isto não implica que a criança não sinta falta dela, pelo contrário, é uma ausência perceptível nos diálogos entre pai e filho, “Eu queria estar com a mamãe (A ESTRADA, 2007, p. 49)”. Assim o pai tem a missão de conduzir o filho e são nas histórias contadas ao garoto que ele lembra de um mundo de justiça e

³ For all the improvement in terms of the father-son relationship, the mother (and the feminine presence for that matter) is once again almost entirely absent from the novel. We learn that the mother killed herself rather than face what she saw as the futile and highly dangerous journey south, accusing the father of actually endangering rather than protecting their child (WALSH, 2009, p. 264).

coragem, resgatando assim a memória do passado para dar perspectiva de futuro, e podendo ainda amenizar a falta da mãe. E é com coragem que o pai persiste na escolha pela vida, não importando as circunstâncias. Mas até onde o ser humano pode resistir e perseverar? Que culpa tem o filho inocente do futuro incerto que o espera? Podemos julgar o ato da mãe que estava desesperançada? Questionamentos como esses nascem devido a condição humana enfrentada pelos personagens, que apesar de todos os pesares continuam ajudando um ao outro dando exemplo de um companheirismo já ausente no mundo contemporâneo, gerador de um egoísmo absoluto.

Mas, por que canibalismo? O que torna essa condição humana tão deplorável? Ser homem significa “Qualquer indivíduo da espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva (AURÉLIO)”. Seres humanos são seres evoluídos, complexos e capazes de discernir entre o bem e o mal. Mas o que leva um homem a agir fora dos padrões de sua evolução? Diz-se canibalismo, o que é próprio de canibal, ou seja, animal que come outro da mesma espécie (AURÉLIO) pode inferir-se que esta condição pode ser resquício do longo processo de evolução do homem na Terra. Daniel Diehl e Mark P. Donnelly no livro *Devorando o Vizinho* (2007) apontam o seguinte:

A mórbida fascinação da humanidade pelo canibalismo data de bem antes da aurora da história documentada. Muito antes de antropólogos e arqueólogos encontrarem evidências incontestáveis do gosto dos primeiros homens por carne humana, o conhecimento de que os seres humanos se dedicaram ao canibalismo já era profundamente enraizado na nossa psique coletiva. Este conhecimento inerente foi incorporado em algumas de nossas histórias primevas e passado de geração a geração, provavelmente como relatos admonitórios intencionados a precaver os ouvintes de que existem alguns tipos de comportamento que de fato devem ser evitados. Mas se o canibalismo era tão estranho e tão aterrador para os seres humanos, quem então seria capaz de praticar tal ato infame e ainda assim escapar da repressão da lei e dos códigos morais? (DIEHL; DONNELLY, 2007, p. 13)

Parece clara a intenção de McCarthy de mostrar o canibalismo como forma primitiva do homem. O conhecimento de que o canibalismo faz parte de nossa história no planeta reforça essa ideia. Avaliamos assim, que o homem apesar de evoluído possui fraquezas que podem causar a sua animalização. Mas além do termo literal, o canibalismo na obra de McCarthy é também metafórico no sentido da cobiça, da ambição, e do desejo impiedoso por riqueza. Se analisarmos o mundo atualmente, veremos que exemplos de ações humanas que lembram a escravidão continuam, sempre beneficiando alguns, enquanto que a maioria sofre na miséria. O canibalismo invoca a ganância do homem, desta forma, a grande missão do pai além de proteger o filho, é de

ensinar os valores perdidos, só reconhecidos por ele, tanto que promete ao garoto que jamais se alimentará de um outro ser humano:

Ele se virou e olhou. Parecia ter andado chorando.
Agente nunca comeria outras pessoas, comeria?
Não. É claro que não.
Mesmo se estivéssemos famintos?
Nós estamos famintos agora.
Você disse que não estávamos.
Eu disse que não estávamos morrendo. Não disse que não estávamos famintos.
Mas agente não comeria.
Não. Não comeria.
Não importa o quê.
Não. Não importa o quê.
(A ESTRADA, 2007, p. 107-108)

Mas, o que faz o homem comportar-se como um animal selvagem a ponto de praticar canibalismo? O fato de haver escassez de comida é razão para tal ato? No romance há grupos de canibais armados, prontos para atacar e devorar qualquer um que cruzar o caminho. Essa animalização do homem aflora quando ele percebe que não há mais regras que o impeça de cometer tal ato. Com a destruição da sociedade, a moral parece sucumbir, e o ser humano não é capaz ou parece não querer reorganizar a vida em comunhão. Cada pessoa começa a agir de forma individual e não atende aos valores como fraternidade e solidariedade. Mesmo nessas condições, será que podemos julgar atos imorais como a prática do canibalismo? Assim como pai e filho, os canibais também lutam pela vida. Mas o que os separa é o fato de que foi construído como valor excepcional para a vida em sociedade o respeito a integridade física e moral do outro, e esse valor continua sendo seguido por pai e filho, enquanto que aqueles negam essa construção. Percebemos ainda que, quando há a desconstrução da vida em comunidade, conseqüentemente há a perda da moral, e o homem começa a agir como se não importasse com o que outro sente. Portanto, o que torna o homem frio e sem escrúpulos é justamente a falta de limites sociais. Assim vem o seguinte questionamento: a humanidade seria capaz de se estabelecer novamente após um acontecimento apocalíptico como o descrito na narrativa em análise?

A narrativa não aponta como se deu a catástrofe, só sabemos que os relógios pararam à 01h17: “Os relógios pararam à 1h17. Um longo clarão e depois uma série de pequenos abalos (A ESTRADA, 2007, p. 47)”. Personagens sem nome constituem elemento intrigante no romance de McCarthy, talvez pelo fato de tais condições não escolherem quais vítimas, simplesmente todos podem ser levados a mesma situação de extrema necessidade. Eles caminham em meio as limitações naturais, que compõem um

grau maior de dificuldade. O frio, a falta de comida, o perigo da estrada, tudo ameaça a jornada em direção ao sul e tudo indica que pai e filho já estão na estrada a algum tempo. É importante notar que o garoto não conheceu o mundo anterior ao vivido na narrativa. Walsh argumenta ainda que seu único conhecimento desse mundo virá do pai:

Deve ser notado que este mundo em cinzas é o único que a criança conhece, pois ele nasceu depois do evento catastrófico, e a busca do pai é em grande parte motivado pelo desejo que seu filho possa experimentar algo da vida, cultura e civilização que ele nunca conheceu (tradução nossa).⁴

Nas histórias contadas o garoto tenta entender o que foi o mundo, e nessa perspectiva conceber essas lembranças numa nova realidade. As experiências de vida e civilização dependerão de seu pai, dos ensinamentos e das palavras de esperança. Porém, o homem sente medo se um dia ele for pego por canibais. Imagina em cometer suicídio antes de ser capturado. Aqui questionamos se a mãe seria capaz de matar o próprio filho. Na verdade o fato dela ter cometido suicídio implica que não teria coragem de agir contra a criança, e para evitar isso desiste da vida antes mesmo de cogitar esta possibilidade. O pai, por outro lado, carrega uma arma com pouca munição, é uma forma de proteção, mas que não garante total segurança durante a jornada. Ele não usa a arma contra suas vidas. É com essa arma que ele consegue evitar que o filho seja levado por um dos “homens maus” (A ESTRADA, 2007, p. 58). Este ato teve que ser feito, pois o pai promete que fará tudo para proteger o filho. Essa é sua principal tarefa, mesmo feita com violência. O canibalismo é o principal medo que ambos enfrentam, e esta é também a principal razão pela qual fez a mãe cometer suicídio: “Mais cedo ou mais tarde vão nos pegar e nos matar. Vão me estuprar. Vão estuprá-lo. Vão nos estuprar e nos matar e nos comer e você não quer encarar isso (A ESTRADA, 2007, p. 50)”. Por conta desta constante ameaça, torna-se difícil pai e filho confiarem em alguém. A falta de esperança começa aqui. Será que há outros humanos iguais a eles, na mesma situação? Jay Ellis descreve em seu artigo *Another Sense of Ending: The Keynote Address to the Knoxville Conference* (2008)⁵ que este mundo apocalíptico é o pior pesadelo de um pai:

A Estrada é em parte a comovente expressão do pior pesadelo de um pai solteiro: que o mundo venha a ser apocalíptico, que a mãe não mas esteja por perto para ajudá-lo com o filho, e que o pai esteja condenado --- que aquela tosse possa vir desesperadamente ou que o ar cinzento venha de um

⁴ It should be noted that this ashen world is the only one the child has known as he was born after the event itself, and the father’s quest is largely motivated by his wish that his son will experience some of the life, culture, and civilization that he has never known (WALSH, 2009, p. 256).

⁵ Artigo publicado em *The Cormac McCarthy Journal*, a publication of the Cormac McCarthy society (2008).

choque de um cometa ou de outras inúmeras doenças que, cedo ou tarde, nos visitarão antes de morrermos, se tivermos sorte de morrer daquilo que ainda chamamos de “velhice” (tradução nossa).⁶

São inevitáveis as doenças, os acontecimentos inesperados, as mudanças climáticas etc., mas não se pode deixar de viver por isso. É diante disso que a humanidade deveria mostrar sua verdadeira força. McCarthy revela um mundo destruído, e que a humanidade simplesmente não consegue se reorganizar. Parece não haver esperança para a raça humana. Até onde o homem será capaz de mostrar aversão pela sua própria condição humana? É necessário atentar para isso, pois não importa quando tais problemas irão acontecer como cita Ellis, mas deve-se estar em alerta para manifestar a razão pela qual torna os seres humanos ‘evoluídos’, que se trata da complexa vida em sociedade. Porém, a vida em sociedade está longe de ser totalmente pacífica mesmo em situações bem mais favoráveis em comparação com o mundo coberto por cinzas descrito em *The Road*. Em muitos momentos na história da humanidade atos violentos como guerras, ameaçaram a vida humana e causaram grandes mudanças na civilização. Diante disso questionamos se o homem seria capaz de mostrar sua evolução racional se enfrentasse um mundo pós-apocalíptico semelhante ao descrito em *The Road*?

A obra de McCarthy também sugere uma reflexão sobre a fragilidade humana enquanto indivíduo e espécie. Walsh (2009, p. 261-262)⁷ afirma que em termos de tecnologia e benefícios materiais, coisas que supostamente deveriam tornar a vida melhor, na verdade podem contribuir para a destruição. Fica evidente que o planeta descrito na narrativa faz referência a problemas climáticos. A Terra está coberta por cinza, um frio cada vez mais intenso, ao mesmo tempo incêndios e explosões. É neste cenário que pai e filho vagam empurrando um carrinho de supermercado com pouco suprimento. Não há porque se preocuparem com as coisas materiais, eles só tem um ao outro, “cada um o mundo inteiro do outro (A ESTRADA, 2007, p. 9)”. A perseverança dos dois é heróica. Eles são o que resta de moral e atitude de esperança para a humanidade. A força do pai vem do filho, ele acredita que o garoto é um deus (A ESTRADA, 2007, p. 142). Esta comparação faz referência à esperança que o homem

⁶ *The Road* is in part the moving expression of a single father’s worst nightmare: that the world will prove to be arcing down to apocalypse, that the mother will no longer be around to help with the child, and that the father is doomed — that cough can come from fallout or the ashen air following a comet-strike, but it can also come from any number of the maladies that, sooner or later, will visit us all just before we die if we are lucky enough to die of what we still call “old age” (ELLIS, 2008 p. 33).

⁷ *In the Wake of the Sun: navigating the southern works of Cormac McCarthy* (2009).

tem no filho na reconstrução da humanidade. Portanto sua missão é protegê-lo de todas as formas. *The Road* sugere ainda uma reflexão sobre a solidão humana, as lembranças do passado, e diante desses aspectos a possibilidade de dias melhores.

Um outro dilema no romance é a relação entre o bem e o mal. O pai sempre fala dos ‘caras maus’ (os canibais), e que jamais serão como eles. Mas como ensinar uma criança a diferença entre o bem e o mal? É certo que o homem é o maior exemplo de benevolência que o garoto pode ter. Ele deve ensinar ao filho como se defender quando de sua ausência, pois sabemos que sua saúde, e em seguida o ferimento que sofre, lhe causaram grande dano físico, desta forma não há muito que fazer a não ser manter a esperança no garoto. Em *No Country for Old Men* (2005), McCarthy constrói outro enredo que gera o enfrentamento de dificuldades. Llewellyn Moss, personagem principal da narrativa, encontra numa cena de tiroteio com vários corpos no chão, uma caminhoneta com dois milhões de dólares, e sem resistir cai numa armadilha que ele mesmo cria. Aqui temos uma outra perspectiva que nos leva a uma breve comparação entre as duas obras. São as escolhas de Moss que trazem problemas para a sua vida, levando em consideração que o dinheiro poderia lhe proporcionar conforto e segurança, ele arranca a mala do carro e foge. Com isso, nem mesmo a proteção da lei pode salvá-lo das perseguições violentas. Em *The Road* não há dinheiro para corromper-lhes, mesmo que existisse, diante da situação totalmente adversa não haveria porque pensar nisso. Só há espaço para pensar na sobrevivência. Não há nada para se comprar, mas há uma busca incessante por proteção. Essa busca nasce da afetividade entre pai e filho e da esperança de continuar vivendo de forma digna. Por conta de acontecimentos exteriores os personagens são levados a condições difíceis de controlar. Na verdade estão submetidos a viver dessa forma não por suas escolhas, mas por uma limitação natural que corrompe os homens. Não fica claro se a catástrofe que desola a Terra foi natural ou causada pela própria raça humana, mas imaginemos uma guerra. Pai e filho, portanto, não teriam culpa das ações dos seres humanos, mas seriam vítimas de uma decisão errônea de alguém que resulta na destruição da sociedade e de toda estrutura geradora da ordem.

De qualquer modo, *The Road* compõe um tema que possibilita na desordem a busca por novos princípios para a vida, novos começos e sentidos para as coisas. Pai e filho contam com essa ideia para acreditar na renovação da raça humana, mesmo deparando-se com canibalismo que torna a animalização do homem, eles descobrem que a força é intrínseca ao homem, e o maior símbolo disso é o fogo que ambos carregam:

O que foi, Papai?
Nada. Está tudo bem. Vá dormir.
Vamos ficar bem, não vamos, Papai?
Sim. Vamos sim.
E nada de ruim vai acontecer com a gente.
Isso mesmo.
Porque trazemos o fogo.
Sim. Porque trazemos o fogo (A ESTRADA, 2007, p. 71).

Essa força que vem do interior é vital para não desistirem da jornada. A esperança começa a se configurar tema predominante na narrativa, pois eles visam além do que os sonhos podem proporcionar, ou seja, de que existe um mundo onde possam viver em paz. Pai e filho retomam assim a questão de que a mudança externa passa da concepção criada no interior de cada homem. A partir dessa criação, juntos eles podem construir um novo mundo, e novamente estar em sociedade. *The Road* além de ser uma narrativa sobre sobrevivência da raça humana é também sobre vida em geral, pois as árvores estão morrendo, não há animais, enfim, a Terra transformada num lugar quase inabitável. Mas ao mesmo tempo McCarthy cultiva em seus personagens a esperança de um lugar onde eles possam habitar, e encontrar comida, podendo então retomar a vida em civilização. E para isso o pai coloca a esperança no filho, mesmo que os sonhos sejam ruins, jamais devem desistir, “Quando seus sonhos forem de algum mundo que nunca existiu ou de algum mundo que nunca vai existir e você ficar feliz de novo então você terá desistido. Está entendendo? E você não pode desistir. Eu não vou deixar (A ESTRADA, 2007, p. 156-157)”.

Louis Palmer em seu artigo *The Road Rewrites the Orchard Keeper* (2008)⁸ sugere que “A criança prover um foco que mantém seu pai da melancolia suicida que ceifou sua esposa (tradução nossa)”⁹. Aqui novamente volta a figura maternal que apenas parece ausente no romance, mas que na verdade é invocada a todo instante. O certo é que a criança passa a ser a razão pela qual o homem continua a jornada. Ele quer prover esperança para o garoto, que não suportaria a perda do pai uma vez que já perdera a mãe. A criança é na obra a manifestação da esperança de que as coisas se restabeleçam, dando continuidade a vida. Walsh afirma:

Especificamente, a criança oferece a esperança de que alguma coisa melhor estar por vir, de um sentido que a vida continue e que as coisas sejam restauradas *depois* que o romance se encerra, e esta é a esperança secular que jaz na visão neo apocalíptica de McCarthy. Portanto o filho é uma

⁸ Artigo publicado em *The Cormac McCarthy Journal*, a publication of the Cormac McCarthy society (2008).

⁹ The child provides a focus that keeps his father from falling into the suicidal melancholy that took his wife (2008, p. 65).

espécie de profeta, um sinal que a civilização continuará como a luz que o acompanha (tradução nossa).¹⁰

O fato de a civilização depender de uma criança na narrativa remete a necessidade que o homem tem de preservar os valores e virtudes da sociedade atual, além da preservação do planeta, pois as gerações futuras dependerão das atitudes e ações tomadas agora. Se a humanidade falhar, essas gerações terão como herança um mundo difícil, com problemas ambientais, sociais mais graves e caberá a elas a restauração de algo que deveria ter sido feito antes.

Outra característica que presume esperança é o último pedido do pai ao garoto para que continue e não desista, “Fique com a arma o tempo todo. Você precisa encontrar os caras do bem mas não pode correr nenhum risco (A ESTRADA, 2007, p. 227)”. Logo em seguida a maior prova de haver esperança para o mundo está no encontro do menino com uma família. Ele sente a necessidade de saber se eles também “carregam o fogo”, assim pode ter confiança e continuar uma nova jornada. Esta família também marca o reencontro do menino com a figura materna, agora real, podendo cuidá-lo e protegê-lo.

Considerações Finais

The Road é a mais profunda afirmação que a vida continua e não para em momento algum. Mesmo em um mundo pós-apocalíptico, sempre há esperança de um lugar melhor. A exaustiva viagem em direção ao litoral corresponde não ao fim, mas ao começo que leva esperança para a civilização. No fim da narrativa esta esperança cria uma espécie de anulação da animalização do homem. Como em *O Velho e o Mar*, a dignidade permanece. Podemos observar isso na forma como o garoto cuida do corpo do pai, cobrindo-o com uma manta, amenizando a relação com a morte. Na verdade a morte pode ser vista como uma missão cumprida, pois o pai proporcionou ao filho uma esperança sempre renovada com a ideia do “fogo” que eles carregavam. O fogo, também é símbolo de renovação e proteção, é a fonte que não deixa ambos desistirem da vida.

A esperança na civilização vem junto com a necessidade da conscientização do homem diante da vida no planeta. É esta a sua grande responsabilidade para evitar ações

¹⁰ Specifically, the child offers hope of something better to come, of a sense of life continuing and of things being restored *after* the novel has come to a close, and this is the secular hope that lies at the heart of McCarthy’s neo-apocalyptic vision. The son is therefore a kind of prophet, a sign that civilization will continue as the light moves with him (WALSH, 2009, p. 271).

destrutivas. McCarthy apresenta um mundo que não pode ser concertado e que “todas as coisas eram mais antigas do que o homem (A ESTRADA, 2007, p. 234)”. Desta forma, cabe somente à raça humana o papel protagonista para a manutenção da vida e da esperança em um mundo civilizado.

Referências

BITTENCOURT, Renato Nunes. *Decadência e afirmação da dignidade do homem em Ernest Hemingway*. Revista Litteris. N° 4, Março de 2010 <<http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/decadencia.pdf>> acesso em 11/04/2011.

DIEHL, Daniel ; DONNELLY, Mark P. *Devorando o Vizinho*. Trad. Renato Rezende. São Paulo : Globo, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. Trad. De Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MCCARTHY, Cormac. *The Road*. Vintage, 2006, New York.

_____. *No Country for Old Men*. Vintage, 2005, New Youk.

_____. *A Estrada / Cormac McCarthy* ; tradução de Adriana Lisboa. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2007.

_____. *The Cormac McCarthy Journal: a publication of the Cormac McCarthy society*. Vol. 6, Autumn 2008. <<http://journals.tdl.org/cormacmccarthy/article/viewFile/710/484> > acesso em 27/11/2010.

WALSH, Christopher J., 1968 – *In the wake of the sun: navigating the southern works of Cormac McCarthy* / by Christopher J. Walsh. Knoxville, Tenn. : Newfound Press, University of Tennessee Libraries, c2009.